



**NIEP
MARX**

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Entre Freud e Marx: uma análise do fetichismo nos dias de hoje			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Rodrigo Luiz Cunha Gonsalves	Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia	CEII	Membro
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Este trabalho tem como objetivo aprofundar uma problematização desenvolvida por Marx, a da “relação social definida entre os homens, que assume aos olhos deles a forma fantasiosa de uma relação entre coisas”. O presente trabalho visa delinear, em seu primeiro momento, os aspectos do fetichismo da mercadoria, presentes na obra o Capital, para em seguida, apresentar a definição psicanalítica do mesmo conceito discutida por Freud, o que nos possibilitará entender o que alguns autores querem dizer ao afirmar que Marx, seria o “descobridor” do sintoma. E, em seu segundo momento, trabalharemos os aspectos da articulação das duas modalidades de fetichismo e a tensão central entre ambos estes níveis, e seus possíveis desdobramentos. Buscando uma leitura que viabilize uma compreensão sobre as relações sociais e as “relações sociais entre coisas”. Partindo desta questão para debates sobre a ideologia hoje, bem como, analisando elaborações de Slavoj Žižek sobre este ponto.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Fetichismo; Ideologia; Žižek			
ABSTRACT			
<p>This paper aims to deepen the inquiring developed by Marx, the "definite social relation between men, that assumes in their eyes how fanciful a relation between things." This paper aims to outline, in its first phase, aspects of commodity fetishism, in the present work the Capital, to then present the psychoanalytic definition of the same concept discussed by Freud, which will enable us to understand what some authors would say to say that Marx was the "discoverer" of the symptom. And, in its second phase, we will work aspects of the articulation of the two methods of fetishism and the central tension between both of these levels, and its possible outcomes. Seeking a reading that allows for an understanding of social relations and "social relations between things." Leaving this issue to debates over ideology today, as well as analyzing developments by Slavoj Žižek on this point.</p>			
KEYWORDS			
Fetichism; Ideology; Žižek			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a crítica da filosofia			

O Fetichismo da mercadoria segundo Marx:

Na obra “*O Capital*” (1867) de Karl Marx, uma de suas teses centrais se encontra no capítulo: *Forma dinheiro em valor*, mais especificamente em “*o fetichismo da mercadoria: seu segredo*” e é sobre esta tese, que este artigo discutirá. Nesta passagem é colocado em jogo uma noção teórica aprofundada de uma característica da composição do valor, que até então, não havia sido examinada (a saber - o aspecto social na composição da mercadoria). E, será deste aprofundamento teórico que, a crítica à ideologia ganhará um novo substrato e também, não mais permitirá passar despercebido seus efeitos diante das relação humanas.

Em seu aprofundamento teórico da construção da forma mercadoria, Marx aponta que o estudo do valor-de-uso, não possibilitará grandes análises, porém ao passo em que se torna *mercadoria*, há algo de “perceptível e impalpável” (MARX, 2006, p.93) que passa a integrar o fruto do trabalho humano – e é sobre este aspecto, que Marx aprofundará sua análise. Segundo as palavras do mesmo, “o caráter misterioso da mercadoria não provém do seu valor-de-uso, nem tampouco dos fatores determinantes do valor” (op.cit, p.93). Logo, existe algo nesta composição, que aponta para além da relação óbvia entre a natureza particularmente humana presente no trabalho, e que vai para além da problematizações de quantidade e qualidade de trabalho. A tese defendida por Marx, é a de que “desde que os homens, não importa o modo, trabalhem uns para os outros, adquire o trabalho uma forma social” (op.cit, p.93), está em germe, no potencial desta ressalva feita, um dos elementos chave que permitirão à Marx, não manter-se numa análise similar àquelas feitas por Adam Smith ou David Ricardo.

Intrigado pelo aspecto “misterioso” acerca da forma mercadoria, Marx localiza que tal mistério está no mascaramento das características sociais do próprio trabalho e além disto, o mostra dotado de características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho. Ou então, o *enigma* reside na inversão entre criador e criatura, numa dissimulação que esconde a relação social entre os trabalhos individuais daqueles produtores e o trabalho total, e que sustenta a relação entre as mercadorias, como regra da organização social (op. cit, p. 94). Nas palavras de Marx: “a mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho” (op.cit, p. 94); completando o mecanismo de seu funcionamento, ao “ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tornam mercadorias...” (op.cit, p. 94).

Além de viabilizar esta relação entre produtos, afastando os traços sociais daqueles que o produzem em seu trabalho, há também outra característica que se estabelecerá neste distanciamento, o “extrapolamento” do valor em relação a mercadoria, pois, segundo Marx: “a forma mercadoria e a relação do valor entre os produtos do trabalho, a qual caracteriza essa forma, nada têm a ver com a natureza física desses produtos nem com as relações materiais dela decorrentes” (op.cit., p.94). Esta “rasura” no funcionamento da produção humana e de seu caráter social, que permitirá que a “relação social definida, estabelecida entre homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (op.cit., p.94).

Uma das características principais do advento da forma mercadoria em sua amplitude social, está em permitir que: “os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias” (MARX, 2006, p. 94); ganham traços da “crença” (op. cit., p. 94), quase como se se desse vida, àquilo inanimado; se faz possuir, quase como se “em si” algo a mais do que de fato se é. Reside nesta passagem, o que Marx determinará enquanto “*fetichismoda mercadoria*” (op.cit., 2006). Está neste atributo novo que, disfarçadamente torna-se parte dos produtos do trabalho - quando estes se transformam em mercadorias - e tornando-se condição alienante do funcionamento do trabalho no capitalismo.

O estabelecimento desta lógica faz com que não hajam “relações sociais diretas entre indivíduos em seus trabalhos” (op.cit., p.95), mas sim, que “as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem de acordo com o que são, como relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas” (op.cit., p.95). Esta passagem é extremamente precisa e autores valeram-se muito dela em seus desenvolvimentos teóricos, como Lukacs (2005) em sua conceituação de *reificação* - conceito este homologo porém, diferente do conceito de *fetichismo* cunhado por Marx.

Um outro operador econômico que valida esta inversão é o da “troca”, pois está nela o princípio homogeneizante dos produtos do trabalho, ou então, ao passo em que estes se tornam valores, podemos entender que os objetos úteis se distanciam de sua heterogeneidade própria e passam a coexistir numa realidade comum (MARX, 2006). Tão logo, “a igualdade completa de diferentes trabalhos só pode assentar numa abstração que põe de lado a desigualdade existente entre eles e os reduz ao seu caráter comum de dispêndio de força humana de trabalho, de trabalho humano abstrato” (op.cit., p.95).

Em seguida, a preocupação de Marx, está em mostrar como esta derivação é feita pelos homens “sem saber” (op. cit., 96) e como isto, permitirá que o caráter utilitário se sobrepujeie às relações humanas, uma vez que a produção está homogeneizada pelo valor. Pois, ao afastar o caráter social dos trabalhos particulares, as produções enquanto valores passam a ser todas “iguais” e fazem esquecer que a utilidade por trás delas, é também, um produto social dos homens (MARX, 2006).

Marx evidencia que há uma espécie de naturalização social, realizada pelos produtos acerca da atribuição de valores, exclusivamente possível, por serem todos frutos do trabalho humano, que se esquecem que isto é uma convenção e que ganha um corpo fantasmagórico acerca da produção, afastando a relação social que a determina e a define. Lembrando que, aos produtores, apenas importa saber quanto a mercadoria dele equivale para ser trocado pelo do outro – em sua proporção. Porém, “na realidade, a condição de ter valor só se fixa nos produtos do trabalho quando eles se determinam como quantidades de valor (MARX, 2006, p.96). E o que se mostra como condição é “o tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção” (op.cit., p.97) e o que conclui Marx, é que “...a determinação da quantidade do valor pelo tempo do trabalho é, por isso, um segredo oculto sob os movimentos visíveis dos valores relativos das mercadorias. Sua descoberta destrói a aparência de casualidade que reveste a determinação das quantidades de valor dos produtos de trabalho, mas não suprime a forma material dessa determinação (op.cit., p.97).

O caráter do trabalho científico de Marx caminha na contramão da história, pois como o mesmo coloca: “As formas que convertem os produtos do trabalho em mercadorias, constituindo pressupostos da circulação das mercadorias, já possuem a consistência de formas naturais da vida social, antes de os homens se empenharem em apreender, não o caráter histórico dessas formas, que

eles, ao contrário, consideram imutáveis, mas seu significado. Assim, só a análise dos preços das mercadorias levava à determinação da magnitude do valor, só a expressão comum, em dinheiro, das mercadorias, induzia a estabelecer-se sua condição de valor” (MARX, 2006, p.97). Nesta passagem o que é possível notar, está nos passos dados pela constituição social em relação a sua apropriação deste mecanismo e a amplitude de seu estabelecimento em uma espécie de condição social. Em contrapartida, hoje, uma noção crítica exige um questionamento diante da forma acaba do mundo das mercadorias, esta “forma dinheiro” (op.cit., p.97), que “dissimula o caráter social dos trabalhos privados e, em consequência, as relações sociais entre os produtores particulares, ao invés de pô-las em evidência” (op.cit., p.97). A relação feita como uma encarnação do trabalho humano abstrato dos trabalhos particulares e o trabalho social total, se mostra como um absurdo. Porém, são estas formas absurdas que constituem as categorias da economia burguesa, algo que se mostra desta ordem, após a análise de outras formas de produção (exemplo de Robinson e da Idade Média) como apontará Marx.

O exemplo da Idade Média é importante por aponta a sua diferença em relação ao sistema do capitalismo na burguesia, pois a feição fantasmagórica que se estabelece na idade media entre os trabalhos e os produtos, não é diversa entre elas.

“A forma diretamente social do trabalho é aqui a forma concreta do trabalho, sua particularidade e, não sua generalidade abstrata, como ocorre com a produção de mercadoria” (op.cit., p.99)... “No regime feudal, sejam quais forem os papéis que os homens desempenham ao se confrontarem, as relações sociais entre as pessoas na realização de seus trabalhos revelam-se como suas próprias relações pessoais, não se dissimulando em relações entre coisas, entre produtos do trabalho” (op.cit., p.99).

A raiz da discussão do fetiche da mercadoria em Marx, atinge finalmente, o aspecto marcante de sua crítica à economia política, pois seu questionamento vai diretamente às seguintes questões: Por que a análise do valor é acusada de possuir um conteúdo enigmático e ainda assim, este enigma descoberto, não é revelado? Por que o trabalho é representado pelo valor do produto e a duração do tempo de trabalho, pela magnitude desse valor? A resposta encontrada com Marx é fundamental: “formulas que pertencem, claramente, a uma formação social em que o processo de produção domina o homem, e não o homem o processo de produção, são consideradas pela consciência burguesa uma necessidade tão natural quanto o próprio trabalho produtivo” (op.cit., p. 102-103). Ou então, a “naturalização” com que o sistema burguês se auto-determina socialmente, aponta para a necessidade de revestir sua imposição, para mantê-lo enigmático e mascarar sua operação, em nome de sua manutenção e subsistência. A passagem crítica de Marx em relação aos economistas, que polemizam sobre o papel da natureza na criação do valor-de-troca, serve de exemplo para mostrar o quão iludido estes se encontram em relação ao *fetichismo* dominante no mundo das mercadorias ou pela aparência material que encobre as características sociais do trabalho. Como o mesmo define: “sendo o valor-de-troca uma determinada maneira social de exprimir o trabalho empregado numa coisa, não pode conter mais elementos materiais da natureza do que uma cotação de câmbio” (MARX, 2006, p.103).

O que então, nos leva a passagem mais elementar e categórica de sua construção acerca do do tema:

“Se as mercadorias pudessem falar, diriam: “Nosso valor-de-uso pode interessar aos homens. Não é nosso atributo material. O que nos pertence como nosso atributo material é nosso valor. Isto é o que demonstra nosso intercâmbio como coisas

mercantis. Só como valores-de-troca estabelecemos relações umas com as outras (MARX, 2006, p.104).”

O que está em jogo é a importância do disfarce do produto do trabalho, que ao apenas ser traduzido enquanto valor-de-troca pode então, sustentar-se enquanto útil e enquanto algo que força sua importância social entre homens. Neste passo subverte-se o valor-de-uso, colocando-o em um patamar diferenciado do atribuído materialmente e permite que a seguinte operação se estabeleça:

“Valor” (valor-de-troca) “é propriedade das coisas, riqueza” (valor-de-uso) “do homem. Valor, nesse sentido, implica necessariamente troca, riqueza não”. “Riqueza (valor-de-uso é atributo do homem; valor, atributo das mercadorias. Um homem ou uma comunidade é rico, uma pérola ou um diamante é valioso. (...) Uma pérola ou um diamante tem valor como pérola ou diamante (MARX, 2006, p.105)”.

Está na formação desta inversão, deste embuste social e economicamente montado, uma das operações de sustentação da manutenção do sistema capitalista. Pois, a construção falaciosa desta montagem, impede com que se desvele sua operação de auto-sustentação e não permite que este sistema seja colocado em cheque. Ou então, ao fazer produtos do trabalho serem mercadorias, esvaziando os traços sociais do trabalho desta produção, apagando do trabalho suas propriedades de tempo, de qualidade e de qualquer unidade elementar de equiparação e mantendo apenas o seu *valor* como elemento de sustentação. Vemos nestes mecanismos de escamoteamento, o real potencial que o fetichismo da mercadoria tem para a sustentação do sistema capitalista.

O Fetichismo segundo Freud:

O estudo deste tema não é algo novo na teoria psicanalítica de Freud, em seu texto “Três Ensaios sobre a sexualidade” (1905) já podemos encontrar elementos sobre o tema. Porém, neste estudo, concentraremos nossos esforços sobre os elementos presentes no texto o “Fetichismo” (1927). Texto este em que a dedicação de Freud está nos indivíduos que direcionam sua “escolha objetal dominada por um fetiche” (FREUD, 2006, p.155).

Uma primeira constatação possível na análise do texto, é a de que diferentemente do que o senso comum poderia esperar, estas pessoas não buscam por um tratamento, *por conta* do fetiche, mesmo que vejam nisto uma “anormalidade”. O ponto em questão é o de que, raramente este elemento surge como manifestação de alguma doença ou como motivo de alguma forma de sofrimento que justificasse buscar algum tipo de “ajuda”. Então, o que Freud nos diz é que, muito pelo contrário do que poderia se esperar, o fetiche surge de maneira secundária, seja por facilitar a vida erótica ou pelo caráter de satisfação que proporciona aos pacientes.

O que Freud, se preocupa para demonstrar é que há um elemento comum em seus pacientes que fazem a eleição de busca pela satisfação neste tipo de objeto e como esta montagem, tem em sua herança um elemento constitutivo fundamental destes indivíduos. Em suma, na análise de Freud, há para estes sujeitos uma dificuldade central em lidar com a castração da mãe, então, conseqüentemente, se faz necessário toda uma construção psíquica para tentar lidar com isto. E que

este movimento de recusa feita menino, para não ter de tomar conhecimento de que a mulher não tem pênis, que toda uma operação psíquica se estrutura na constituição destes indivíduos. Se ressalta então, que este esforço acontece em um momento bastante significativo da vida destes pacientes, localiza-se entre o momento de recalque (Verdrangung) e do desmentido (Verleugnung), e que exige deles uma energia muito grande e muito forte para manter escondido e desmentida a possibilidade de dar-se conta deste elemento.

Então, uma espécie de compromisso inconsciente é atado por estas pessoas em seus processos primários para lidar com esta crença inicial de que “a mulher possui o falo” (FREUD, 2006, p.157) que depois, também será abandonado pelos sujeitos. Então, o que passa a ser operado por estes pacientes é que: “...em sua mente a mulher *teve* um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou o seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido ao seu predecessor” (FREUD, 2006, p.157).

Sendo assim, o que se apresenta como o motor do fetichismo, segundo Freud, está na relação como alguns objetos são escolhidos como uma espécie de substituto psicológico diante do momento traumático da percepção da castração feminina. Tal aspecto, percebido por Freud, está justamente apresentado nos pacientes que “cristalizam” momentos prévios ao trauma da apresentação da castração feminina (a fixação por calcinhas, por exemplo, que se justifica, ao passo com que esta mascarava a cena que, posteriormente, lhes traumatiza para o resto de suas vidas).

Além disto, segundo Freud, o que está em jogo para o fetichista é como tamponar ou afirmar este aspecto da dinâmica da sexualidade que se apresenta. Ou então, como ressaltar ou apagar, a muito custo, o último momento em que a mulher apresentou-se como fálica. Seja correndo atrás do que mobiliza seu fetiche, seja imaginando-o incansavelmente, está nesta dinâmica o que sustenta seu papel na dinâmica sexual de tais indivíduos.

Muitas vezes, optando por objetos específicos, como sapatos ou pés, o paciente pode se satisfazer, sem que o outro ao menos faça idéia de que isto está acontecendo – outro aspecto que mostra o quão fácil é o acesso à satisfação sexual nestes casos e tão logo, não se mostraria para estes indivíduos, como algo que lhes exigiria uma busca necessária por algum tipo de ajuda.

Outro aspecto referente ao fetichismo levantado por Freud no final deste texto, está no exemplo das melhores na China que mutilam seus pés e como este fenômeno de amplitude social, ganha importância para uma psicologia social, uma vez que este gesto ganha um caráter de fetiche, ao passo em que são “reverenciados”, ganhando um novo valor frente a mutilação. Seria como uma maneira com que os homens, passam a lhes “agradecer” socialmente pela castração à qual as mesmas se submeteram ao se submeterem ao processo (FREUD, 2006, p. 160). Desta maneira, abrindo margem à importância de avaliações de manifestações sociais que conseguem se estabelecer derivadas deste mesmo mecanismo. O fetichismo segundo Freud, está dentro desta operação que anuncia algo manifesto, porém que há algo de latente que se esconde em seu funcionamento; sem sembra de dúvidas, uma manifestação que merece sua devida atenção.

Pela natural curiosidade que se desperta quando autores distintos e renomados, se valem de um mesmo conceito, torna-se praticamente, irresistível não investigá-lo ou tentar buscar traçar seus múltiplos e possíveis paralelos. Mas, antes de nos apropriarmos disto, é importante nos questionarmos: Estamos diante de uma real possibilidade? Tais termos possuem esta capacidade de serem articulados em algum nível? Caso sim, eles permitem que sua articulação nos faça avançar em nossa crítica à ideologia?

E, avaliando o universo de ambos os autores (Freud e Marx), é possível notarmos que termo *Fetichismo* foi cunhado pelos autores para designar coisas distintas. Perdoem-me, apontar o óbvio disto: é o mesmo termo que designará coisas distintas, simplesmente, pelo fato de que ambos autores, estavam diante de desafios diferentes um do outro. Mas esta noção, ainda assim, não retira o potencial que se pode ser atingido - uma vez que estes autores, comprovadamente, chegaram em um elemento comum. O que forçosamente, é interessante, mas ainda assim, não se mostra como algo necessariamente justificado. Porém, se dermos um passo adiante e aceitarmos o que há de comum entre estes autores, o que encontraremos são fortuitas pontes possíveis e uma destas pontes foi construída por Žižek, que ao investigar a noção lacaniana de que Marx, inventou o sintoma, em seu texto “Como Marx inventou o sintoma?” (2010), veremos que existem elementos fundamentais advindos da articulação entre psicanálise e estudos econômicos sociais críticos.

Como nos apontará Žižek, Freud ao investigar sonhos notou “um cerne oculto” entre conteúdo manifesto e conteúdo latente neste fenômeno, da mesma maneira com que Marx, ao analisar as mercadorias, encontrará que a grande dificuldade não está em localizar a determinação de seu valor pela quantidade de trabalho consumida em sua produção, mas sim, no “cerne oculto”, que é compreender “por que o trabalho assumiu a forma do valor de uma mercadoria, por que ele só consegue afirmar seu caráter social na forma-mercadoria de seu produto” (ŽIŽEK, 2010, p. 297).

O que localizamos nesta ponte, diz também de uma responsabilidade ímpar conclamada por ambos autores e que é resgatada por Žižek (op.cit, 2010), uma vez que não basta para Freud, localizar e se admirar com o cerne oculto do sonho, mas sim, enfatizar o trabalho diante da sua forma e na importância que ao desvelá-la, se permite confrontar-se com o que o opera. Vemos em Marx, a mesma preocupação, pois o pensador nos alerta para não deixarmos reduzir “forma a essência, ao núcleo oculto” da mercadoria, especialmente quando Marx já colocou que o caráter oculto da forma da mercadoria, está na própria forma (MARX, 2006); tão logo, dirá Žižek: “É esse passo em direção à gênese da forma que a economia política clássica não consegue dar, e é essa sua fraqueza crucial” (ŽIŽEK, 2010, p. 297). E sendo assim, podemos aproximar os autores justamente, naquilo com que ambos localizam de central no diagnóstico do “cerne oculto” e na característica central daquilo que suas formas dizem daquilo que tentam velar.

Na leitura de Žižek (2010) o “fetiche da mercadoria”, pode ser notado em dois tempos diferentes:

Num primeiro tempo, o fetiche da mercadoria é a definição de “uma relação social definida entre os homens, que assume aos olhos deles a forma fantasiosa de uma relação entre coisas” (MARX *apud* ŽIŽEK, 2010), porém ao passo em que a articulação do valor passa a assumir a forma “natural” de outra “coisa-mercadoria”, o dinheiro e como isto, é o que permitirá dizer o valor de algo sob um volume equivalente de dinheiro (Žižek, 2010). Mas o segundo tempo do fetichismo, segundo Žižek, se passa em uma outra montagem, como podemos ver na passagem:

“... o aspecto essencial do fetichismo da mercadoria não consiste na famosa substituição dos homens por coisas (“uma relação entre homens assume a forma de uma relação entre coisas”), mas, antes, num certo desconhecimento da relação entre uma rede estruturada e um de seus elementos. Aspecto este que aparece como uma propriedade até mesmo fora de sua relação com outros elementos. Aquilo que é realmente um efeito estrutural, um efeito da rede de relações entre os elementos, aparece como uma propriedade imediata de um dos elementos, como se essa propriedade também lhe pertencesse fora de sua relação com outros elementos” (ŽIŽEK, 2010, p.308).

Ressalvado pelo autor que aspecto funciona em um “desconhecimento” que tacitamente, poderá ser localizado tanto na “relação entre coisas” quanto numa “relação entre homens” (ŽIŽEK, 2010). E, que tanto para Žižek, quanto para Marx, se explicita na expressão de valor, que possui como traço fundamental que:

“uma mercadoria A, só pode expressar sua valor em referência a uma outra mercadoria, B, que assim se torna seu equivalente: na relação de valor, a forma natural da mercadoria B (seu valor de uso, suas propriedades empíricas positivas) funciona como uma forma de valor da mercadoria A; em outras palavras, o corpo de B transforma-se, para A, no espelho de seu valor” (ŽIŽEK, 2010, p.308).

Porém, mais do que este âmbito que remonta ao funcionamento com que uma mercadoria pode se estabelecer frente a outra neste espelhamento (ŽIŽEK, 2010) e como há, uma percepção fundamental na localização de Marx, que dirá também como há um processo humano de formação identidade extremamente semelhante - ao ponto de Žižek dizer que Marx, chega a “antecipar” de certa forma, a teoria de estágio de espelho (LACAN, 2004) de Jacques Lacan. Que por sua vez, nesta tese, coloca a importância com que o eu [moi] para conseguir se estabelecer enquanto uma auto-unidade, precisa de um outro que lhe ofereça uma imagem de sua unidade e que o faz, por meio da promoção de um espelhamento de outro ser humano. Vemos que o âmbito desta discussão, permite uma compreensão extremamente significativa da constituição humana e mais além, Žižek nos mostra que Marx encontra mais outra virada nesta homologia, onde:

“...outra mercadoria, B, só é um equivalente na medida em que A se relaciona com ela como sendo a forma-da-aparência de seu próprio valor, somente dentro dessa relação - e nisso reside o efeito de inversão que é característico do fetichismo -, a aparência é exatamente oposta: A parece relacionar-se com B como se, para B, ser um equivalente de A não correspondesse a ser uma “determinação reflexa” (Marx) de A - ou seja, como se B *já fosse, em si mesmo*, equivalente a A; a propriedade de “ser equivalente” parece pertencer-lhe até mesmo fora de sua relação com A, no mesmo nível de suas outras propriedades efetivas “naturais” que constituem seu valor de uso” (ŽIŽEK, 2010, p. 309).

Esta categoria reflexa, ressaltada por Marx está presente em Hegel das categorias reflexas hegelianas, onde encontramos o silogismo “um homem só é rei porque outros homens colocam-se numa relação de súditos com ele. E eles, ao contrário, imaginam ser súditos por ele ser rei (MARX apud ŽIŽEK, 2010, p. 309). Ao passo em que Žižek localiza uma inversão lógica, segundo sua

análise, que permanece velada ao fetichista, que é a noção de “ser rei” age como “efeito da rede de relações sociais entre um “rei”, fazendo para que estes dentro desta vinculação social apareça de maneira completamente inversa: “ser súdito está em “não ser rei”, como se “ser rei”, estivesse completamente fora da relação com seus súditos, como fosse uma espécie de “propriedade natural” da pessoa do rei (ŽIŽEK, 2010). Se apaga uma relação advinda de uma construção político-social e ganha-se um âmbito naturalizado e cristalizado de lugares, como suas justificativa fosse possível em si mesma.

Dando continuidade na análise crítica de Žižek, abrem-se duas modalidades de fetichismo, pois nas sociedades capitalistas não podemos dizer que “suceda com o homem o mesmo que com as mercadorias” (MARX apud ŽIŽEK, 2010). Segundo Žižek, “o fetichismo da mercadoria ocorre nas sociedades capitalistas, mas no capitalismo, as relações entre os homens decididamente *não são* “fetichizadas”; o que temos aqui são relações entre pessoas “livres”, cada qual seguindo seu próprio interesse egoísta” (ŽIŽEK, 2010, p.310). O que opera não é da ordem da dominação e da servidão, mas sim, da igualdade perante a lei e o estabelecimento contratual entre os mesmos. O utilitarismo visto em ambas as partes é aproveitado por cada participantes para melhor poder atingir seus interesses egoístas, atuando quase como se fosse livre de qualquer aura mística, o que é visto é um outro sujeito tentando cumprir seus próprios interesses e que só lhe interessa na medida em que possui algo – uma mercadoria – capaz de satisfazer alguma de suas necessidades (ŽIŽEK, 2010, p.310). E segundo esta avaliação:

“As duas formas de fetichismo, portanto, são *incompatíveis* nas sociedades que impera o fetichismo da mercadoria, “as relações entre homens” são totalmente desfetichizadas, ao passo que, nas sociedades em que há fetichismo nas “relações entre homens” – nas sociedades pré-capitalistas -, o fetichismo da mercadoria ainda não se desenvolveu; é a produção “natural” que predomina e não a produção voltada para o mercado. Esse fetichismo nas relações entre os homens tem que ser chamado por seu nome apropriado: o que temos aqui, como assinala Marx, são “relações de dominação e servidão” – ou seja, precisamente a relação do Senhor e do Escravo no sentido hegeliano; e é como se o recuo do Senhor no capitalismo fosse apenas um *deslocamento*, como se a desfetichização das “relações entre homens” fosse paga com a emergência do fetichismo nas “relações entre as coisas” – com o fetichismo da mercadoria” (ŽIŽEK, 2010, p. 310).

O mais importante para nos depararmos diante deste cenário teórico montado é o potencial de podermos então investigar quando estas relações se montam, se elas dizem de uma relação de dominação no sentido hegeliano ou se são frutos do que é próprio do advento do fetichismo da mercadoria, uma vez que partem de momentos distintos e apontam também, para consequências distintas. Um traço característico, ressaltado por Žižek, é o de que:

“O lugar do fetichismo apenas se desloca das relações intersubjetivas para as relações “entre coisas”: as relações sociais cruciais, as de produção, deixam de ser imediatamente transparentes, como o eram sob a forma das relações interpessoais de dominação e servidão (do Senhor com seus servos, e assim por diante); elas se disfarçam – para usar a formulação precisa de Marx – “sob a forma de relações sociais entre coisas, entre os produtos do trabalho” (ŽIŽEK, 2010, p. 310).

O que temos hoje, em termos de características de nossa sociedade, são aspectos ideológicos que se montam, em nome da subsistência de seu funcionamento dentro da lógica capitalista. Sendo assim, uma leitura crítica devida, conclama por uma releitura destes mecanismos, sobre uma devida nova roupagem. Apenas desta maneira, se faz possível perceber como alguns dos constructos ideológico funcionam, sendo assim, podemos acompanhar a conclusão no qual alcançará Žižek (2010), em sua análise:

“...Com o estabelecimento da sociedade burguesa, as relações de dominação e servidão são *recalcadas* formalmente, parecendo estar lidando apenas com sujeitos livres, cujas relações interpessoais estão isentas de qualquer fetichismo; a verdade recalcada – a da persistência da dominação e da servidão – emerge num sintoma que subverte a aparência ideológica de igualdade, liberdade e assim por diante. Esse sintoma, o ponto de emergência da verdade sobre as relações sociais, são precisamente as “relações sociais entre coisas”: “Em vez de aparecer em quaisquer circunstâncias como suas próprias relações mútuas, as relações sociais entre os indivíduos disfarçam-se sob a forma de relações sociais entre as coisas” – aí temos uma definição precisa do sintoma histérico, da “histeria de conversão” que é própria do capitalismo” (ŽIŽEK, 2010, p. 310).

Se “Para detectar as famosas distorções ideológicas, é preciso perceber não só o que é dito e o que não é dito: o não dito está implícito no que é dito” (ŽIŽEK, 2012, p.46). Este exercício de investigação dos elementos ideológicos e suas distorções, está justamente na necessidade de investigar seus pressupostos, suas condições efetivas, sua divergência entre a chamada “realidade social e nossa representação distorcida, nossa falsa consciência dela” (ŽIŽEK, 2010, p.312). E está justamente no esforço desta investigação, uma possibilidade de submetemos a um processo crítico-ideológico a “consciência ingênua”.

Referencial Bibliográfico:

FREUD, S. *O fetichismo* in Obras Completas. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2006.

LACAN, J. *O estádio de espelho como fundador da função de eu* em *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

LUKACS, G. *História e consciência de classes*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

MARX, K. *O capital*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

ZIZEK, S. *Mapa da Ideologia*. São Paulo: Ed. Contraponto, 2010.

ZIZEK, S. *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2012.